



FINAL  **X**  Inspirada na poesia de Flávio Venturini, a crônica de devoção da bola à seleção que desejou tê-la do início ao fim da conquista do bi na Copa do Mundo e destronou a Argentina de Messi

Te amo, espanhola!

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
Enviados especiais

Nova Jersey — Pedimos licença a Flávio Venturini para adaptar a poesia na canção *Espanhola* a um tributo de Trionda à seleção bicampeã do mundo. A obsessão por ter a bola e tratá-la com carinho venceu a covardia. Esse é o maior recado — e legado — de La Roja no concerto do segundo título em 16 anos a potências como Argentina e Brasil. Os ex-campeões encerraram a partida de ontem no MetLife Stadium sem ver a cor da pelota com 31% de controle do jogo. A equipe brasileira caiu contra a Noruega, nas oitavas, com humilhantes 34%. Os novos donos do planeta bordaram a segunda estrela ostentando 69%.

Assim como em 2010, La Roja transformou a troca de passes em magia na conquista de um título. Envolvente do início ao fim da partida, a seleção de Luis de la Fuente hipnotizou os ex-campeões do início ao fim da decisão inossa sem deixar o jogador eleito oito vezes melhor do mundo, Lionel Messi, dar um chute a gol na turnê do adeus ao torneio. Amargou o vice no MetLife Stadium como na final da Copa América de 2016, quando perdeu pênalti e anunciou aposentadoria “fake” da esquadra alviceleste.

Em vez do camisa 10, o goleiro Dibu Martínez tentou assumir o papel de herói da nação ao colecionar incríveis 11 defesas antes do gol de Ferran Torres, aos 106 minutos. Na prorrogação, como na conquista da África do Sul, assinada pelo meia Andrés Iniesta no tempo extra do confronto com a Holanda.

Antes da Copa, o técnico italiano Carlo Ancelotti afirmou: “Defesas ganham Copas”. A do Brasil caiu nas oitavas de final. A da Espanha se manteve em pé para se tornar a campeã menos vazada em quase 100 anos de Mundial. Somente a Bélgica conseguiu vazá-la nas quartas de final. Atual campeã da Euro, a Espanha repete o feito de 2010, quando também ostentava o título continental de 2008 e o repetiu em 2012.

Há cinco anos, Luis de la Fuente amargava a medalha de prata contra o Brasil na final dos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020, disputados em 2021 por causa da pandemia. Ali nascia um projeto. Quando a Espanha foi eliminada por Marrocos, nos pênaltis, em 2022, no Catar, a Real Federação Espanhola lembrou-se daquele trabalho no Japão. Demitiu Luis Enrique e entregou as chaves do bi ao campeão da Euro-Sub 19 e da Euro-Sub-21.

O ouro em Paris-2024 contra a França fortaleceu ainda mais o projeto. Os ibéricos são campeões com 12 medalhistas de prata e/ou ouro: Unai Simón, Cucurella, Zubimendi, Oyarzabal, Eric Garcia, Pedri, Dani Olmo, Merino, Pubill, Cubarsí, Baena e Joan García. Todos prontos para tentar o tri daqui a quatro anos. A edição centenária em 2030 terá capítulo final no Santiago Bernabéu, em Madri. A Espanha é o país do futebol também no feminino. Assim como eles, elas ostentam o título conquistado, em 2023, na Oceania.

Um time só

A Espanha teve o controle do jogo no primeiro tempo. Com 65% da posse de bola, a seleção de Luis de la Fuente envolvia a Argentina até a frente da área, mas a defesa de Lionel Scaloni interceptava os passes e devolvia as ações ao adversário. Quando conseguiu encaixar os ataques, La Roja bateu de frente com a etapa inicial segura do goleiro Dibu Martínez.

Lamine Yamal teve a primeira oportunidade. O craque de 19 anos finalizou fraco. A bola tocou em

Franck Eife/AFP



Festa dos jogadores no pódio instalado no MetLife Stadium: a Fúria volta a mostrar ao mundo como dominar o futebol. Agora, La Roja detém os títulos masculino e feminino



1 ESPANHA

Unai Simón; Porro, Curbasí, Laporte (Eric Garcia) e Cucurella; Rodri (Zubimendi) e Fabián Ruiz (Pedri); Lamine Yamal, Dani Olmo (Merino) e Baena (Nico Williams); Oyarzabal (Ferran Torres)

Técnico: Luis de la Fuente

Gol: Ferran Torres, aos 40 segundos do 2º tempo da prorrogação (106 minutos).

Cartões amarelos: Lisandro Martínez, Paredes, Enzo Fernández (Argentina)

Cartão vermelho: Enzo Fernández (Argentina)

Público: 80.663 pagantes

Árbitro: Slavko Vincic (Eslovênia)



0 ARGENTINA

Dibu Martínez; Montiel (Molina), Romero (Medina), Lisandro Martínez (Otamendi) e Tagliafico; De Paul (Simeone), Enzo Fernández, Messi e Julian Álvarez (Senesi)

Técnico: Lionel Scaloni

“O gol foi de 47 milhões de pessoas, não só meu, nem dos 26 jogadores. Um alívio grande, fui muito criticado na Copa, mas Deus sempre me dá forças para continuar”

Ferran Torres, atacante que marcou o gol do título, eleito o melhor da final, apesar de ter saído do banco

“Sinto muito orgulho desta geração de jogadores. Eles servem de exemplo para o esporte e para a juventude da Espanha”

Luis de la Fuente, técnico da seleção espanhola

Odd Andersen/AFP



Após 106 minutos de uma tensa decisão, Ferran Torres balançou a rede e garantiu o bicampeonato

amadurecia, mas faltava capricho. Novamente Yamal escapou da marcação e cruzou na cabeça de Ferran Torres. Dibu Martínez impediu o gol.

Em vez do camisa 10 Messi, o número 23 da Argentina assumia o protagonismo. Pedri e Cubarsí testaram Dibu Martínez novamente. O goleiro voltou a soltar a bola para o lado, mas Merino não conseguiu

aproveitar o rebote. A intervenção mais plástica do jogo começou com Nico Williams acionando Laporte. O zagueiro cabeceou e Dibu fez uma ponte perfeita. Depois de uma tabela entre Rodri e Yamal, Ferran Torres finalizou para fora.

A Espanha teve a oportunidade do contra-ataque no fim do segundo tempo em um dois contra um

puxado por Nico Williams. Em vez de servir Lamine Yamal ao lado, o atacante tentou se consagrar chutando de fora da área e Dibu Martínez novamente fechou a meta.

A final ficou dramática nos acréscimos do segundo tempo. Enzo Fernández cometeu falta desleal no zagueiro Cubarsí. O meia tinha amarelo e recebeu o vermelho. Na última

chance de evitar a prorrogação, Lamine Yamal cobrou falta de perna canhotinha buscando o ângulo esquerdo da Argentina. Lá estava Dibu Martínez para espalmá-la a escanteio e confirmar a nona decisão levada ao tempo extra em 23 edições da Copa.

Prorrogação

A inferioridade numérica da Argentina elevou a temperatura na prorrogação e continuou fazendo de Dibu o craque argentino na final. Primeiro, evitou gol de Nico Williams. Em outro lance, a bola terminou no fundo da rede na finalização de Nico Williams, mas o esloveno Slavko Vincic anulou, acusando pisão de Merino em Otamendi na construção da jogada.

O gol estava maduro e, finalmente, saiu aos 106 minutos. O lateral-direito Pedro Porro iniciou o lance com cruzamento para Nico Williams. O atacante ajeitou de cabeça, e Ferran Torres estufou a rede de Dibu Martínez. O cronômetro marcava 40 segundos do segundo tempo. A Espanha ensaiou emular a Inglaterra nas semifinais. Recuou e sofreu mais sustos em 15 minutos do que na partida inteira, mas resistiu até o apito final do bi com Trionda, a bola oficial da Copa de 2026, a cantar a música de Flávio Venturini: “Te amo, (seleção) espanhola!”